













THE  
LIBRARY OF THE  
MUSEUM OF NATURAL HISTORY  
AND  
ZOOLOGY  
OF THE  
CITY OF LONDON

**ANALYSE**

**CRITICA, RAPIDA, DESPRETENCIOSA**

FEITA AO FOLHETO INTITULADO

**GARRETT, CASTILHO, HERCULANO**

**E A ESCOLA COIMBRÃ ETC.**

PELO

**SACRISTÃO DE UMA ERMIDA**

**LISBOA**

**TYPOGRAPHIA—20 RUA DA ENCARNÇÃO 20—**

**1866**

1570/1890





Alexandre Herculano é o auctor do *Eurico e do Monge de Cister*; d'esses livros cujas paginas me desinuiaram o espirito aos vinte annos. Insultarem os, é como se quizessem aniquilar-me ou esmagar-me a alma.

Nas poucas paginas que vão lêr-se, não intento defender o auctor e os seus livros, porque nem um, nem os outros, carecem da minha fraca defensa, mas procuro desafogar a magua que senti ao vêr o folheto do *Ermita*.

Releve-se-me por isso, o que disser ahi de menos acertado.

**O Auctor.**



# I

«Zangado e aborrecido de tantas phylosophias e reformas sociaes; amofinado com as descomposturas mutuas e até com a lista dos nomes que o Julio de Castilho publicou, desaderando de ambos os partidos, mas pendendo sempre um pouco para a escola em que se creou (Qual?) voltou para o Chiado e proseguiu na sua vida antiga, o Ermita d'ali.

Mas debalde procurou o socego que não poudo encontrar. Fora mordido pela tarantula, era-lhe necessario dançar. Lembrou-se então de buscar a genealogia da nova escola, a qual, por isso que é portugueza, hade filiar-se de algum modo em tradições portuguezas, porque nas allemãs não crê, pois os rapazotes entendem tanto de pantheismo transrhenano como elle.

Lembrou-se tambem que um bello talento francez M. de Jouy, com o pseudonymo de *Ermite de la Chaussée d'Antin*, azorragou os litteratigos, do seu tempo, os romanticos facanhudos e os classicos retundos.

Lembrou-se ainda que no seculo passado houve em Londres um famoso Junius que toseu impiedosamente os phylesopharrões e poetas impolvilhados seus contemporaneos. Arrastado por tão preclaros exemplos, disse de si

para si: Não quero arcar com a *phylosophada* moderna. Siga cada qual o seu caminho. Mas eu que ha tantos annos vejo passar todos os litteratos cá do meu posto, eu que tenho sido espectador de todos os acontecimentos litterarios, posso, *sem esforço, fazer um serviço* á historia, ou pelo menos á caricatura, buscando a genealogia tradicional da nova *phylosophia*. Quem sabe se os rapazes não fazem senão exaggerar os exemplos legados pelos magnates, que hoje pompeiam por ahi? Seu dito, seu feito. Pôz mãos á obra e apresentou ao leitor o que saiu, e que é procedente dessas lembranças, impuras, immodestas, vaidosas!

Na primeira parte do folheto, que bem fora para as letras e para os tres vultos, seus cultores, que aponta, nunca haver saído dos prelos, falla exclusivamente de si o pobre isolado.

Entre outras coisas de *peso* citadas, que ácerca da nova escola *phylosophica*, ouvia da boca de um visinho que é um Hegel derramado, capaz de metter n'um chinello o Souza Lobo, ouvia tambem o Ermita dizer-lhe que: a poesia é a *phylosophia* em verso, é o *rythmo* que embate a idéa no seu balauço pelos intermundios; é a modulação... » e, parece que não escutava mais nada.

Então *pez-se* a meditar, e adivinha o leitor o que lhe aconteceu?!

Pegou em si e foi comprar as obras dos amigos *phylosophos* que dirigem a humanidade (!)

E que tal! disse elle com os seus botões, e com o Padre Vieira. Ainda *ninguem* intentou provar que eu seja um *macaco*, ou qualquer ontra alimaria da terra, logo, sou homem, e como tal pertenco á humanidade. E' claro que se *alguem* intentasse provar que o Ermita era um *macaco* ou

qualquer outra alimaria da terra, elle não era homem mas sim macaco ou qualquer outra alimaria da terra...

Mas, acrescenta com Terencio, o triste desterrado do seio dos homens: *Homo sum, nihil a me humani alienum puto*; e se sou parte integrante da humanidade (diz elle então só) aonde diabo irei dar com os ossos, se não souber de cór e saltado os dictames da phylosophia?

Deus o faça ir dar com elles no reino da critica fina de onde infelizmente se afasta. Mas vejamos o que fez:

Correu os livreiros, comprou o *Anthero a peso*, o *Theophile a medida*, e, sem peso nem medida, toda a caterva de phylosophositos que estes patriarchas açularam contra o Castilho.

Até aqui fez bem, depois diz ao *amigo* leitor que vive com  *muito cuidado* no seu esconso, para não escorregar... mas fez mais do que escorregar, caio e caio de alto. Fallaremos na queda depois, e vejamos que mais succedimentos houve nesses seus dias de febre.

Tratava-se de phylosophias, comprou tudo, e passou trez dias de amargura. Não entendeu nem patavina do *Anthero* porque é o diabo não é homem. Escreve charadas como quem bebe agua.

E o *Theophile*? Achou-o estupendo massador e muitas coisas mais.

Passou a lêr os versos. É bom aqui deixar fallar o *Ermitta*. Não deve perder-se, nem alterar-se uma phrase, um termo unico do texto:

«Cheguei á bachante e gostei. Aquillo era *piteira de tremer*. Bom! bradei eu. Se o mundo reformado correcto e augmentado pela phylosophia é assim, fica um mundo de *borrachões*. Passei em seguida ás *Ceias de Nero*. Mais pi-

*teira!* Este senhor Theophilo é pelos modos proprietario de vinhedos, pensei *ingenuamente*. Não falla senão em *bebedeiras e orgias!* Nada. *Isto não presta. Não gosto desta phylosophia.* Voltemos ao Anthere, *disse abrindo a boca sem querer.* Deitei-me ás *Odes Modernas in quibus et rostris!* Não havia metter dente naquelle manjar. Sarças, mattos, maninhos, covis, fojos, algares, tudo lá encontrei, e depois de percorrer o labyrintho, cheguei ao cabo todo *molesto, ensanguentado e em farrapos.* Aquellas *Odes* são um atalho por dia de nevoeiro. Decididamente, bradei berrando como um possesso, *ou eu sou muito bruto,* ou o tal Anthere esteve a zombar com o publico. Deus nos livre que o mundo se reformasse assim. Andavamos todos ao cachação porque ninguém se entendia.»

Pasmoso periodo! Bom, bom de lei. Critica mais fina, mais clara, mais delicada do que esta não a haverá decerto.

Cada vez que me recordo de que houve alguém, que attribuiu o folheto do Ermita a uma das nossas primeiras capacidades litterarias, sinto desejos de lançar ao fogo os poucos livros que pessuo...

«Deve o leitor ter notado que eu sou teimoso como um ethiope, segue o Ermita. O leitor seguramente não pôde ter notado teima alguma até ao ponto em que o Ermita nota que o leitor deve ter notado, mas o que elle quer dizer, porque ha muito o trazia suspenso na cabeça é que os ethiopes são teimosos, dande-nos assim prova da sua erudicção e muitas coizas mais.

Quando o Ermita devorou os folhetos em pro e contra o Castilhe, poz-sea rir ás bandeiras despregadas do do Theophilo e disse: Safa! Que linguinha de prata! E fei d'aqui que zangado e aborrecido lhe saiu a primeira parte do seu folheto.

## II

Na segunda parte do citado folheto, trata o Ermita de resto, mestres e discipulos da litteratura. De um traço caracteriza-os e fulmina-os a todos; desde Mendes Leal até Julio de Castilho, por quem se faz poeta nos seguintes versinhos :

mata o tempo co'sorriso,  
em quanto o tempo o não mata  
não herdou lingua de prata,  
«talentinho» lhe diviso.

Lindesas nas obras de alguns delles não as cita, põe em relevo apenas fealdades de uns e outros e envolve-os a todos n'um tecido frouxo, peço e xarro de palavras que melhor fôra ao Ermita não dizer.

Mendes Leal é um vulto venerando da litteratura patria. Pelo menos não ha finura, cavalheirismo, nobresa de alma, no que lhe lançar pedra. Elle não a sentirá seguramente. A dor, a vergonha é nossa, é de nós todos.

De um golpe dado por mão vacillante de neophyto operario, não oscilam sequer monumentos tão solidos da nossa litteratura.

Rebello da Silva, Teixeira de Vasconcellos, Camillo Castello Branco, Pinheiro Chagas, Osorio de Vasconcellos, Latino Coelho, Bulhão Pato, Jayme Moniz, Viale, Thomaz Ribeiro, João de Lemos, Andrade Corvo, Seromenho, Andrade Ferreira, e Ramalho Ortigão, notaveis escriptores e poetas, não iniciaram a litteratura moderna é certo, mas cultores distinctissimos della, não podem apenas ser vistos como auctores de *obumbras historias impossiveis, Quixotes litterarios, almas de foguete* <sup>1</sup> etc. etc. E o Ermita na sua

<sup>1</sup> O que são «almas de foguete? Almas de foguete» são almas talvez sobre as quaes ficam a matar as «estolas do infinito».





revista pretenciosa dos nossos homens de letras não se satisfaz em chamar-lhes Quixotes litterarios e outras grosseiras coisas, leva mais longe a sua veia graciosa dizendo: «e o José Horta cujos olhos arremettem com as nuvens, cabeça com pretensões a abano, bigode hirsuto; e o Antonio de Serpa, cantor do *Crsario* ou de coisa que o valha, rosto magro e palido, olhos amortecidos, palavra mordaz, inquisidor disfarçado; e o Manuel Roussado, que apesar de não escrever as tempestades sonoras é sonoro como o sino grande que tantas vezes invoca... ou imboca.

Julgar *de um traço* litteratos, escriptores, poetas, citando-lhes defeitos physicos e moraes sobre ser coisa de mau gosto é tolice grande e feia.

Todos elles emfim unidos em uma pagina pelo espi-rituoso e doute Ermita do Chiado, ligados por elle representantes dos variados generos e especies de litteratura contemporanea, em esboço rapido e *pitoresco* della não iniciaram a litteratura moderna, diz elle, não ensinaram não beberam na Hippocrene que rejuvenesceu as molas já gastas dos nossos avoengos. Os primeiros, os que innocularam o sainete caracteristico, os que lançaram as primeiras sementes, foram Garrett, Castilho e Herculano.» Fallaremos de cada um delles. Apresentemos-lhe as feições com *meia duzia de linhas*; tracejemos-lhe os caracteres; delimitemos a sua influencia proxima ou remota, e passemos á terceira parte do folheto.

### III

«*A tout seigneur, tout honneur.*»

«Comecemos por Garrett.» Não são do Ermita os traços que desenham aquelle que é immortal pelo *Camões* ce-



mo Camões pelos *Luzias*. Garrett o sublime o divino genio da litteratura contemporanea! Do Ermita são os seguintes, postos no quadro, quando o mestre voltou costas:» Garrett era portuguez de lei, era verdadeiro poeta, e o *rouxinol não gera ursos!*

Apaguem isto no quadro de Garrett e a imagem queirida d'este grande vulto apparecerá radiante de verdade e poesia.

«Garrett é o patriarcha que os litterates portuguezes devem invocar, porque era portuguez de lei, não marcava as nossas joias com ouropéis estranhos. Garrett creou o theatro, inventou o folhetim, aclimou o *humour* de Sterne, renovou a eloquencia, avivou a poesia popular, engrinaldou a lyra portugueza».

## IV

Na parte quarta do folheto está Castilho desenhado pelo mestre que voltara cabisbaixo. Deixou-o o discipulo retirar, e teimoso como um *ethiope*, tomou o pincel e poz os seguintes toques no quadro: «tornou-se piegas com as suas *phylosophias* humanitarias que *impinge á má cara!*

Os deshumanos por natureza e educação folgam em ridicularisar aquelles que veem na-humanidade objecto mais digno de analyse, observação e respeito do que elles, e por isso quando alguém se doe das intimas affeições de um membro da grande familia humana, os pessimistas, os ignorantes e os tollos, levantam-se a appellar de piegas esses que pela alma ao menos, se erguem muito acima delles. Deixal-os, são inofensivos ainda assim.

O mestre, vendo com magua adulterados os seus quadros, deixou o discipulo teimoso entregue a si proprio e partiu.

A ignorancia porém é atrevida como toda a gente sabe, e o Ermita não teve pejo de completar, elle só, a collecção dos retratos dos trez vultos ; e na quinta parte do seu folheto apresenta-nos Alexandre Herculano. Vejamos o que d'elle diz :

## V

«Temos em frente o terceiro vulto—o homem dos sete palmos de terra, o poeta da *Semana Santa*, o auctor de Eurico, o historiographo do reino, o Hamlet que faz negações ao publico da beira do seu sepulchro.»

«Havia em tempos muito remotos na Arabia Petrêa um marabute ou santão, que era de character rustico, intratavel e fero. Tinha por vizo ou doença abespinhar os compatriotas, affirmando que tudo ia de mal a peor, que o caid era tolo e creança, que os habitantes do aduar visinho haviam de conquistar o oasis, que as palmeiras floriam tarde e a más horas e davam frutos deslavados, que os pozos seccavam, os camellos não creavam leite, e os abestruzes não punham ovos.

«Estas e outras parvulezas propheticas chegaram aos ouvidos do caid, que tinha más tripas e não gostava que abocanhassem o seu governo, que em verdade não era dos melhores.

Dize lá, Ulema, exclamou o caid incendiado em raiva. Quem te manda a ti ser abelhudo ?

O marabuto encolheu os hombros e respondeu :

—Nada mais te digo senão que me dês seis palmos de arêa.

*Este era mais baixo e contentava-se com arêa.*

—Porque ?

—Porque isto vae mal.

—Cortem a cabeça ao marabuto, bradou o caid, e dêem-lhe seis palmos de arêa.

E o marabuto gosou desde então de fama de doido.

«Justiça de moiro, dirá o leitor. Justiça dos povos digo eu. Mais tarde ou mais cedo surge a verdade. Não ha abafal-a.

Pois se Herculano julga o paiz moribundo porque lhe não acode, e se retira? Egoismo! Se o paiz morreu já, porque se repasta Herculano no cadaver? Appetite de abutre!»

Outr'ora os grandes genios, os genios privelegiados, os vultos emminentes, distinctos, sublimes, se em palavras do ceu por verdadeiras, discursavam sublimidades desconhecidas aos ruins espiritos da gente vulgar e eignara, eram phisicamente torturadas. Christo, o grande martyr, foi o exemplo mais notavel. Hoje a ruindade é senão maior, tão clovada n'esses espirites, mas a tortura é moral, e tão vil e objecta como era.

Dizer-se ao phylosopho, ao homem superiormente elevado em talento e abnegação, n'um paiz monarehico—representativo—se o paiz está moribundo e lhe não acodes é por egoismo teu, e se morreu e te repastas no cadaver tens appetite de abutre, é triste; e perigosa seria a irreflexão da phrase (irreflexão dizemos e não malvadez ou coisa assim) se o animo de Herculano, o seu espirito, a sua generosidade não fossam superiormente grandes.

Mas não ha alguém que julgue absolutamente moribundo o paiz nem que o creia proximo do abysmo.

Quando mesmo elle estivesse moribundo, que homem por muito elevado em dotes moraes e intellectuaes, haveria n'este systema de governo capaz de o desviar do seu destino?

E depois morto que alma seria a d'aquê'e que se repastasse no seu cadaver?!

Sorriu-se certamente o poeta do Eurico, ao lêr (se leu) esta parte do folheto do Ermita. Eu porém senti no peito aquella dôr profunda e soffocante sem o desafogo e allivio das lagrimas, ao vêr alli mais uma vez produzida a triste verdade que os homens são, em geral, falsos, injustos, severos sempre, no seu julgar aquelles a quem mais ou muito devem na vida.

Não se alue assim a reputação de um homem eminente. Se alguém se precipita com isto aos fundos abysmos do nada é seguramente o auctor do folheto. Injuriar por tal arte um filho querido da poesia, só podera fazel-o um vulto tediosamente prosaico. Mas ou seja ou não isto, é bom que em relevo saiam os vícios facetamente encobertos do folheto.

E' que Herculano nunca teve o máo gosto de comparar o Ermita e outros taes com Chateaubriand, Lamartine, ou Victor Hugo, etc, e por isso o odio do Ermita abafado ha tempo, se expandiu assim,

Ao homem verdadeiramente sabio não cegam as paixões, nem o dominam; e as criticas feitas a doutos só de sabios podem tolerar-se.

Pode-se ter talento brilhante e muito saber aos vinte annos, mas não é esta a idade mais propria para se ser bom critico.

O auctor do folheto é ainda novo seguramente; re- vella conhecimentos e intelligencia superior, mas falta-lhe a reflexão; não ajuiza ainda prudente, seria, desapaixonadamente as coisas; não faz a analyse e a synthese, sobre os objectos que intenta estudar, como é myster ao critico. Re-

cebe-os taes a apparencia lh'os indica ; não os profunda ; não indaga origens ou cousas e seus effeitos ; não sente, ao que parece.

Viver vinte annos amarrado ao proprio cadaver, perdoe o sr. Ermita, não é para mim, humilde sachristão, intelligivel, nem enigmatico, eimproprio ou absurdo. Viver vinte annos amarrado ao proprio cadaver, exprime a idéa não só do isolamento em que se viveu durante esses annos, mas das profundissimas dores e angustias, talvez, que se padeceram durante elles. E homem onde fallece pouco a pouco o vigor do espirito e dos sentidos, mais cadaver pôde suppor-se do que inteiro corpo o delle.

«O sempiterno as creou (as dores) quando nossa primeira mãe nos converteu em reprobos: ellas servem por ventura ainda de algum refrigerio *lá nas trevas exteriores onde ha o ranger dos dentes*.

O que são trevas exteriores onde ha o ranger dos dentes? pergunta o Ermita. Trevas exteriores, com relação ás trevas que existem no espirito, e por consequencia interiores de povos ou homens, taes como o Ermita do Chiado, são as trevas infinitas em que se suppõe jazer o reino infernal com o *ranger dos dentes* de todos os seus habitantes, o embate de ossadas de esqueletos, os arruidos desconhecidos, tetricos, repelentes, horriveis, os murmurios arrepiadores das carnes, o prepassar continuo de mil visões e fantasmas existentes *lá nas trevas exteriores onde ha o ranger dos dentes*, etc; e porque pôde julgar se que, tudo quanto é de Deus, o genio bom, é interior, e exterior o que pertence aos deoses infernaes. *Trevas exteriores* consequentemente, *onde ha o ranger dos dentes*, não é tão absurdo, não significa tal auzença de criterio e bom senso como se afigura ao sr. Er-

mita para quem não sendo accetaveis as hypotheses, só há a dezejar-lhe luz, mais luz do que infelizmente possui.

Leia a Biblia, sr. Ermita, leia a Biblia, e deixe-se de criticas litterarias, para onde não o chama Deus ! e procure a genealogia da moderna escola onde hajam *estolas do infinito*, *almas de foguete* e outras que taes obscuridades.

## VI

Na sexta parte do folheto indica o Ermita os remedios contra o mal da nova escola, tendo dito já nas partes anteriores dello, que não entende mestres, nem discipulos della. Se não entende, não combata. Observe, estude, medite, e combata ou applauda depois; e com isto dará prova do bom senso, que ainda lhe falta.

Nesta parte termina o folheto do Ermita e o meu, porque não sobra tempo a sachristães para andarem em cavallarias tão altas.

E' pois rapida, sem citações, despretenciosa, inofensiva, creio, a analyse que ahi fica. Possa ella acaso ainda assim servir de antidoto ao veneno que contem em si o folheto de sr. Ermita, e bem feliz será o sachristão quando tal nova chegue á sua solitaria humilde e obscura ermida.



**O Sachristão.**







**PREÇO 100 RÉIS**

Vende-se nas lojas do costume, em Coimbra e Porto.













